

Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner

Idonézia Collodel Benetti*, Mauro Luis Vieira**, Maria Aparecida Crepaldi***, Daniela Ribeiro Schneider****

* Mestre em Linguística, Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Correo electrónico:
idonezia@hotmail.com

** Doutor em Psicologia Experimental, professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Correo electrónico:
maurolvieira@gmail.com

*** Doutora em Saúde Mental, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Correo electrónico:
maria.crepaldi@gmail.com

**** Doutora em Psicologia Clínica, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Correo electrónico:
danischneiderpsi@uol.com.br

Recibido: 7 de junio del 2013

Aprobado: 31 de agosto del 2013

Cómo citar este artículo: Collodel Benetti, I., Vieira, M. L., Crepaldi, A. M. y Ribeiro Schneider, D. (2013). Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicología*, 9(16), 89-99.

Resumo

A presente pesquisa, de natureza teórica, tem por objetivo trabalhar os seguintes aspectos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner: as origens das proposições do autor, suas bases ontológicas e epistemológicas, o ponto de vista antropológico e a aplicação da teoria em termos de método e técnicas utilizadas em pesquisas nesta fundamentada. Devido à dificuldade de encontrar escritos acadêmicos que abordem, um a um, todos esses aspectos em um só trabalho é que se objetivou o presente artigo. É uma tentativa de revelar o que está oculto e/ou diluído no discurso científico presente nos escritos de Bronfenbrenner e trazer, de uma maneira simples e didática, tais fundamentos necessários para a compreensão crítica da teoria em pauta.

Palavras-chave: antropologia, epistemologia, metodologia, ontologia, teoria bioecológica.

Fundamentos de la teoría bioecológica de Urie Bronfenbrenner

Resumen

Esta investigación, de naturaleza teórica, tiene como objeto trabajar los siguientes aspectos de la Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano, diseñada por Urie Bronfenbrenner: los orígenes de sus propuestas, sus bases ontológicas y epistemológicas, el punto de vista antropológico, su aplicación en términos metodológicos y las técnicas utilizadas en las investigaciones en ese campo científico. Debido a la dificultad de encontrar escritos académicos que se ocupen, uno a uno, de todos estos aspectos en un único trabajo, es que se realiza este artículo. Es un intento de revelar lo que está oculto o diluido en el discurso científico presente en los escritos de Bronfenbrenner, y llevar de manera sencilla y didáctica los elementos esenciales necesarios para una comprensión crítica de la teoría en cuestión.

Palabras clave: antropología, epistemología, metodología, ontología, teoría bioecológica.

Fundamentals of the Bioecological Theory of Urie Bronfenbrenner

Abstract

This theoretical research focuses on the following aspects of the Bioecological Theory of Human Development, designed by Urie Bronfenbrenner: a) origins of his proposals, b) ontological bases, c) epistemological bases, d) anthropological point of view, and e) application of the theory - the method and techniques used in research in that particular scientific field. The article was written because of the difficulty of finding scientific writings that address all of these aspects in one single work. It attempts to reveal what is hidden and/or diluted in the scientific discourse underlying the writings of Bronfenbrenner and in a simple and didactic manner to deal with the essential elements needed for a critical understanding of the theory in question.

Keywords: anthropology, epistemology, methodology, ontology, Urie Bronfenbrenner theory.

Considerações Iniciais

A Psicologia do Desenvolvimento é uma área da ciência que se (pre)ocupa em estudar as pessoas focando o seu desenvolvimento, como processo que alberga mudanças no decorrer da vida do indivíduo, voltadas para as várias etapas que ele atravessa ao longo de sua existência, desde o nascimento até a morte. E, ao evidenciar o desenvolvimento humano na qualidade de processo, essa ciência está atenta às condições que capacitam a pessoa a adaptar-se ao seu habitat de maneira mais efetiva, observando o crescimento entre o organismo e os contextos em mudança, nos quais ele vive, cresce e desenvolve-se, como sujeito ativo e participativo do seu próprio desenvolvimento.

Dentre as abordagens voltadas à Psicologia do Desenvolvimento, esse trabalho pretende colocar em evidência alguns aspectos relevantes, porém pouco explorados, da teoria de Urie Bronfenbrenner e, portanto, escassamente encontrados na literatura, de forma ilustrativa e didática. Assim, a intensão dessa tarefa é ir um pouco mais além de apenas apontar que a teoria está ancorada no contexto e nos processos proximais, afirmando que eles são, de fato, elementos que apresentam forte influência no desenvolvimento humano. É objetivo, também, avançar um pouco mais do que apenas salientar o valor da relação sujeito/contexto, na qualidade de fenômeno não apenas adaptativo ao que é (im)posto pelo ambiente, sublinhando que o indivíduo é um ser capaz de alcançar consciência intelectual e emocional, tornando-se um protagonista influente no seu meio social, com um caráter ativo em relação ao seu próprio desenvolvimento sendo, simultaneamente, produto e produtor de desenvolvimento.

Então, com uma perspectiva multidimensional de olhar a realidade e enfatizar a inter-relação do comportamento humano com o ambiente social (Wormer, 2007), é ambição trabalhar os seguintes aspectos da teoria, ora em pauta: a) origens das proposições de Bronfenbrenner, b) bases ontológicas, c) fundamentos epistemológicos d) ponto de vista antropológico e e) aplicação da teoria – método e técnicas usadas em pesquisas fundamentadas nos pressupostos desse campo científico. Essa intenção assenta-se na dificuldade de encontrar escritos acadêmicos que abordem, um a um, todos esses aspectos em um só trabalho, oferecendo uma visão mais abrangente da teoria e uma discussão que aponte mais do que somente os pressupostos teóricos do autor.

Busca-se, então, destacar questões ontológicas, epistemológicas, antropológicas e metodológicas ligadas à perspectiva teórica estudada. A *ontologia*, que levanta questões básicas sobre a forma e a natureza da realidade, ocupando-se em entender o que pode ser conhecido; a *epistemologia*, que é um ramo da filosofia que se preocupa em entender como se pode conhecer o mundo e qual é a relação entre o interessado/inquiridor e o conhecimento; a *antropologia*, que se atém à concepção acerca do ser do homem e a *metodologia*, que está focada em como se obtém o conhecimento do mundo, e em como o interessado pode buscar descobertas ou qualquer coisa que ele acredita que pode ser conhecida (Schwandt, 1994).

Entretanto, é necessário pontuar que, apesar das inúmeras pesquisas com aporte teórico nos pressupostos científicos de Bronfenbrenner e seus colaboradores – Moen, Elder, Lüscher, Evans, Morris, Damon, Lerner, Ceci, para citar alguns –, há escassez de pesquisas englobando os aspectos supracitados, no modelo proposto para esse estudo. Não foram encontrados, na terminologia usada para buscar e recuperar informações na Biblioteca Virtual em Saúde, os descritores fundamentais para as pretensões ao desenvolvimento desse trabalho, durante a busca na qual o nome *Bronfenbrenner* foi associado às palavras *ontologia*, *epistemologia*, *antropologia*, *metodologia* e seus equivalentes em língua inglesa: *ontology*, *epistemology*, *anthropology and methodology*.

Para ampliar as possibilidades de investigação, pares de expressões foram usados, a saber: a) teoria bioecológica/hierarquia correlações e b) fundamentos da bioecologia/teoria de Bronfenbrenner –a) *bioecology theory/hierarchy correlation* e b) *bioecology fundamentals/Bronfenbrenner's theory*– sem que resultados compatíveis fossem localizados. Os mesmos descritores foram utilizados para o mapeamento da literatura, realizado a partir de artigos de periódicos brasileiros e internacionais, indexados nas bases de dados Scielo, Capes, SciVerse, Web of Science e LISA (Library and Information Science), sem que houvesse indicativo de trabalhos que envolvessem essas palavras/expressões.

Vale lembrar que há esforços nesse sentido, os quais resultaram em alguns trabalhos que trazem elementos essenciais para que se compreendam os estudos de Bronfenbrenner, tendo em vista a hierarquia de correlações previamente mencionada. É o caso de: *Modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano* (Polonia, Dessen y Silva, 2005) e *A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista?* (Tudge, 2008). Em ambas as obras, a teoria é ca-

racterizada como bioecológica e como contextualista. Porém, ao articular a discussão sobre o assunto, é pinçado brevemente três dos cinco aspectos pretendidos para esse trabalho –epistemologia, ontologia e metodologia– sem que se apontem os aspectos antropológicos e históricos, anteriores e contemporâneos à teoria, e fundamentais para a construção desta. Nesse cenário, a escassez foi o agente propulsor para a escolha do tema que gerou a elaboração do presente estudo.

Entretanto, convém enfatizar que, dado o espaço destinado a um trabalho do porte de um artigo, a pretensão não é esgotar o assunto, nem tampouco efetivar um estudo bibliométrico sobre esse tópico, mas abordá-lo de forma que possa ser encarado como estímulo para reflexões e discussões, que possam contribuir para futuros questionamentos e outros trabalhos nessa área. Então, sob a rubrica das limitações temporais e espaciais, o presente estudo teórico é uma tentativa de revelar o que está oculto e/ou diluído no discurso científico subjacente aos escritos de Bronfenbrenner e trazer, de uma maneira simples e didática, o conteúdo do tema, com base no que foi proposto pelo autor.

Tangenciando Histórias: as origens do pensamento bioecológico

A teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (TBDH) surge de sua insatisfação relacionada às abordagens vigentes e às ideias reinantes na psicologia de sua época. Como cientista, ele rejeitava o associacionismo dicotômico e o desejo positivista que apontavam que a ciência social, para ser útil e científica, deveria ser pura, neutra e descontextualizada (Bronfenbrenner, 1979). Suas inquietações estavam relacionadas a abordagens fragmentadas do estudo do desenvolvimento humano, cada uma focada em seu próprio nível de análise – só a criança, só a família, só a sociedade, etc. – cada qual estudada à parte do seu respectivo contexto. Nesse sentido, a ênfase no rigor científico delineava e conduzia a experimentos elegantes, porém de escopo limitado, uma vez que acabava apresentando situações não familiares e artificiais. Assim, Bronfenbrenner, ao criticar as condições experimentais artificiais criadas por alguns pesquisadores de sua época, ousa afirmar que, fora do contexto, “grande parte da Psicologia desenvolvimental é a ciência do comportamento desconhecido da criança em situações desconhecidas com adultos desconhecidos por períodos de tempo mais breves possíveis” (Bronfenbrenner, 1996, p. 16).

Simpatizante das ideias de Vygotski e Lewin, Bronfenbrenner foi influenciado fortemente pelo pensamento de ambos (Johnson, 2008). Vygotski, pai da Teoria Sócio-histórica, é conhecido por advogar que o desenvolvimento humano é o resultado das interações entre o indivíduo e seu contexto social, e por deixar claro que tal desenvolvimento não pode ser compreendido separado do contexto sociocultural no qual as pessoas estão inseridas (Vigotsky, 1978). Lewin, estudioso da Teoria do Campo, enfatizou que as atividades psicológicas acontecem dentro de um espaço que contém todos os eventos passados, presentes e futuros, que moldam e afetam o comportamento do indivíduo, explicando esse comportamento em relação às influências sociais (Bargal, Gold, y Lewin, 1992).

Esse cenário científico estimula Bronfenbrenner e o impele para o que há muito, desde sua infância, já havia observado. Nascido na antiga União Soviética, em 1917 – ano que marca o fim do império russo e a vitória da revolução naquele país (Corraliza, Blanco y Loeches, 1987) –sua família muda para os Estados Unidos em 1923, em uma época de conturbações sociais e políticas em sua terra natal.

Em solo estrangeiro, o menino Urie encontra um cenário multicultural, principalmente na escola, onde tem a oportunidade de conviver com crianças de diferentes etnias, e de culturas outras, distintas daquelas com as quais ele estava familiarizado. Essa mudança pode ser considerada, segundo sua própria terminologia, como uma “transição ecológica”, uma vez que trouxe alterações de contexto.

Longe da terra natal, seu pai –médico– consegue trabalho em uma instituição para pessoas com sofrimento psíquico e/ou necessidades especiais. Era um cenário que compunha um sanatório, em uma área rural, onde os pacientes que estavam fora das enfermarias frequentavam as salas de aula, ou trabalhavam no cultivo da terra, nas granjas e nas oficinas, e onde os funcionários tinham suas residências vizinhas à instituição. Morando nas proximidades, o pequeno Urie acompanhava-o nas visitas aos pacientes e observava sua angústia ao constatar que os coeficientes intelectuais desses pacientes –avaliados no início da internação– diminuía após algumas semanas, na segunda avaliação. Assim, em consequência dos baixos escores, quem antes se encontrava em estado “normal” era classificado como “deficiente mental”, e não recebia alta do tratamento, o que significava, em muitos casos, permanecer na instituição para o resto da vida.

Além disso, o menino já se dava conta de que os internos, avaliados como “menos doentes”, com a “regalia” de trabalhar nas casas dos funcionários, aumentavam seus coeficientes intelectuais após deixarem a instituição (Bronfenbrenner, 1996). Fica, assim, plantada a semente da curiosidade em pesquisar a influência do sobre o desenvolvimento humano, que mais tarde germinará, permitindo que esse cientista, juntamente com seus colaboradores, elabore uma teoria robusta, capaz de influenciar o pensamento e as práticas de muitos psicólogos e pesquisadores dessa área.

Enquanto frequentava os cursos de graduação em Psicologia e Música na Universidade de Cornell –em 1938– Bronfenbrenner conheceu Kurt Lewin, professor naquela instituição e que à época desenhava sua Teoria de Campo (Bronfenbrenner, 1979), a qual exerceu grande impacto sobre a teoria bioecológica a ser construída. Trilhando os caminhos dos seus antecessores estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento, ele recebe, em 1940, a titulação de Mestre pela Universidade de Harvard. Mais tarde, em 1942, esse grande ecologista humano é laureado com o título de PhD pela Universidade de Michigan, com um trabalho baseado na Sociometria de Moreno, defendendo que o indivíduo e o grupo são unidades orgânicas que se inter-relacionam, influenciam-se e, portanto, não podem ser estudados isoladamente (Bronfenbrenner, 1996).

Entretanto, a teoria de Bronfenbrenner foi revisitada e reformulada constantemente durante sua carreira. O primeiro modelo, por ele delineado em 1979, denominado “ecológico”, coloca em destaque o ambiente como “ingrediente” fundamental para a compreensão de como o indivíduo desenvolve-se. Em 1992, esse modelo fica um pouco mais detalhado, contemplando os aspectos do desenvolvimento vinculados à pessoa, e ganha a denominação “Teoria dos Sistemas Ecológicos” (Prati, Couto, Moura, Polleto, e Koller, 2008). Mais tarde, a teoria evolui e o entendimento do desenvolvimento humano passa a contemplar um esquema mais amplo, que propõe quatro aspectos inter-relacionados: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (modelo PPCT). Nessa perspectiva mais avançada, o saldo dessa evolução teórica focaliza mais o indivíduo e suas disposições, levando em conta a dimensão do tempo e a interação entre a pessoa e o contexto. Esses ajustes, entretanto, geraram também novas denominações: “Modelo Bioeco-lógico de Desenvolvimento Humano” e, atualmente, “Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano”.

A Teoria Bioecológica e os Contextos de Desenvolvimento

O modelo bioecológico de desenvolvimento humano proposto por Bronfenbrenner aparece na literatura em 1977 através do artigo “*Towards a developmental Psychology*”, e no seu livro clássico “*The ecology of human development*” em 1979, sendo concebido por vários estudiosos da área como um divisor de águas na compreensão da ontologia humana (Bronfenbrenner, 2005). Nessas obras, o autor advoga que o desenvolvimento é um processo que envolve estabilidades e mudanças nas características biopsicológicas dos indivíduos durante o curso de sua vida e, também, através de gerações (Bronfenbrenner y Morris, 2006).

Então, fica estabelecido que, para melhor entender o desenvolvimento humano, é necessário considerar todo o sistema bioecológico que envolve o indivíduo, enquanto ele se desenvolve. Em seu paradigma, Bronfenbrenner (2005) considera o desenvolvimento dependente de quatro dimensões que interagem entre si, denominadas de “Modelo PPCT” –Processo, Pessoa, Contexto e Tempo.

Processo

O processo recebe destaque como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, e tem a ver com as interações recíprocas que acontecem de maneira gradativa, em termos de complexidade, entre o sujeito e as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato (Bronfenbrenner y Morris, 2006). Essas formas particulares de interação entre organismo e contexto são primordiais e entendidas como processos proximais, e tem que ocorrer regularmente em longos períodos de tempo. Os processos proximais são considerados os motores do desenvolvimento, diferindo de acordo com as características individuais e as características do contexto, tanto espacial quanto temporal (Bronfenbrenner, 2005). O próprio autor apresenta os exemplos de: brincar com uma criança pequena, brincar individualmente ou em grupo, atividades entre crianças, aprender novas habilidades, ler, etc., como engrenagens do desenvolvimento.

Isso porque é através do engajamento nessas tarefas e interações que o indivíduo torna-se capaz de dar sentido ao seu mundo e, a partir disso, transformá-lo. As pessoas com quem as crianças pequenas interagem numa base regular em períodos longos de tempo são os pais,

mas, especialmente no caso de crianças pequenas, outras pessoas mais velhas, como professores, parentes, irmãos e pares, os quais desempenham importante função nos processos que envolvem a interação direta – face a face – processos proximais (Bronfenbrenner, 2005).

Pessoa

No que diz respeito à pessoa, Bronfenbrenner reconheceu a relevância dos fatores biológicos e genéticos no desenvolvimento (Bronfenbrenner y Ceci, 1994), porém deu especial atenção às características pessoais que os indivíduos trazem com eles para as situações sociais, principalmente nos trabalhos realizados na década de oitenta (Bronfenbrenner, 1993; 1995). Esses atributos da pessoa foram divididos em três tipos e nomeados por ele como: Demandas, Recursos e Disposições/Força.

As características de Demanda são disposições comportamentais que movem os processos proximais e mantêm suas operações, oferecendo mais probabilidade para influenciar o desenvolvimento futuro. São disposições que agem como um estímulo imediato em direção à outra pessoa, por exemplo, a curiosidade e capacidade de resposta (interagir ou não) tendo em vista fatores tais como idade, cor da pele, aparência, física, etc. Essas demandas podem influenciar as interações iniciais em função das expectativas do indivíduo, ou interferir retardando e até impedindo que elas aconteçam, podendo favorecer processos de crescimento psicológico ou rompê-los via impulsividade, distração, apatia, insegurança, timidez, sendo, portanto, disruptivas do ponto de vista desenvolvimental (Bronfenbrenner y Morris, 2006).

As características de Recurso influenciam a capacidade de o indivíduo engajar-se em processos proximais ativos: habilidades, experiências, inteligência – características parcialmente relacionadas com recursos cognitivos e emocionais e, diferentemente dos processos de Demanda, não são imediatamente aparentes. Há também os recursos sociais e materiais promotores de processos proximais, tais como acesso à boa comida, moradia, cuidado parental, oportunidades educacionais apropriadas a uma determinada sociedade, etc., e os recursos que funcionam como elementos perturbadores: deficiências genéticas, lesões cerebrais, deficiências graves, etc. São os “passivos” e os “ativos” biopsicológicos que influenciam a capacidade de um organismo para se engajar efetivamente em processos proximais (Bronfenbrenner y Morris, 2006).

Finalmente, as características de Disposições são aquelas relacionadas às diferenças de temperamento, motivação, persistência, etc., que envolvem a capacidade de engajar-se e persistir em atividades de progressiva complexidade. Um exemplo que favorece a compreensão dessa característica faz referência a duas crianças que, tendo as mesmas condições de recurso, seguem trajetórias bem diferentes, dependendo do tipo de motivação que recebem – se uma for estimulada a ser bem-sucedida e persistir nas tarefas, provavelmente terá mais sucesso do que a outra que, apesar dos recursos, não tem a mesma disposição, força e persistência (Bronfenbrenner y Morris, 2006).

Contexto

O contexto é caracterizado por qualquer evento ou condição fora do organismo que pode influenciar ou ser influenciado pela pessoa em desenvolvimento, e apresenta-se classificado em quatro subsistemas socialmente organizados, que auxiliam a amparar e nortear o ser em crescimento: Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrosistema e, da forma como estão dispostos, auxiliam a descrever e analisar os contextos de vida – proximais e distais – do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1993). Nessa linha de raciocínio, com objetivo de enfatizar a importância do contexto na vida do ser humano, o ambiente ecológico é concebido por ele como um conjunto de estruturas concêntricas, a exemplo das matrioscas – bonecas russas, que se encaixam umas dentro das outras, na ordem da maior (exterior) até a menor – e que se movem do nível mais interno para as superfícies externas (mais amplas). É importante salientar que esses quatro sistemas envolvem a pessoa em crescimento.

A essa altura, é importante descrever cada uma das estruturas propostas pela abordagem em questão. Os microsistemas, considerados como o centro gravitacional do ser biopsicossocial, são ambientes nos quais os papéis, as atividades e as interações face a face acontecem. Essa estrutura permite, como contexto primário de desenvolvimento, que o indivíduo observe e engaje-se em atividades conjuntas, cada vez mais complexas, com o auxílio direto de pessoa(s) com quem ela tem uma relação afetiva positiva, e que já possuem conhecimentos e competências que ela ainda não possui (Bronfenbrenner y Morris, 2006). Na qualidade de contexto secundário pode favorecer o indivíduo com encoraja-

mento, condições, e oportunidades, para que ele possa fazer tudo o que desenvolveu no contexto primário, sem orientação direta.

Entretanto, é digno de nota que tal estrutura pode promover e, também, inibir o envolvimento do indivíduo em atividades na interação com o ambiente imediato. Exemplos de microssistemas são: a escola, a família, o local de trabalho, etc., onde o indivíduo interage diretamente com seu interlocutor, e a influência bidirecional flui em via de mão dupla. É o caso da interação pais-bebê: a criança afeta a vida dos pais e vice-versa, e as atitudes e sentimentos dos pais afetam a criança; é através do microssistema que as estruturas de níveis mais distantes alcançam a criança em desenvolvimento (Papalia, Olds, y Feldman, 1975).

Consistentes com o caráter integrativo do desenvolvimento, os mesossistemas compreendem a interação entre dois ou mais microssistemas, onde a pessoa em desenvolvimento está inserida. A vinculação entre o microssistema familiar e o escolar, ou o elo entre a família e os amigos das crianças caracterizam essa estrutura – por exemplo, a união de esforços entre pais e professores tendo em vista o desenvolvimento sadio da criança. Em outras palavras, o mesossistema consiste na interação entre dois ou mais microssistemas em que a pessoa em desenvolvimento participa e cujas interações podem ser promotoras ou inibidoras do desenvolvimento.

Nesse prisma, um olhar mais atento para o mesossistema pode revelar que um indivíduo com desempenho satisfatório ou excelente em um microssistema pode não ser bem sucedido em outro. Uma mesma criança, por exemplo, pode executar bem as tarefas escolares em casa, mas comportar-se de maneira inibida e até paralisada, quando questionada sobre a mesma tarefa em ambiente escolar (Papalia *et al.* 1975).

O exossistema, a exemplo do mesossistema, consiste na aliança entre dois ou mais contextos. Entretanto, diferentemente, o indivíduo em desenvolvimento não se encontra nele inserido. É o caso do ambiente de trabalho dos pais que, embora seja distal à criança, acaba por afetá-la, porém indiretamente: quando a empresa permite que a mãe saia para amamentar seu bebê, ela contribui para que o período de amamentação prolongue-se, já que esse fenômeno depende do estímulo da sucção. Ou quando o ambiente de trabalho interfere no comportamento parental: os pais têm um dia estressante no ambiente de trabalho e ficam menos disponíveis a dar um cuidado de qualidade para seu filho (Bronfenbrenner, 2005).

O macrossistema é um contexto de estrutura mais ampla, e compõe-se de todos os padrões globais do micro, meso e exossistema, que fazem parte das culturas, crenças, valores, e costumes dominantes na sociedade, juntamente com os sistemas sociais, políticos e econômicos – recursos, riscos, oportunidades, opções e estilos de vida, padrões de intercâmbio social – predominantes em uma cultura, que filtram e orientam os comportamentos do cotidiano do indivíduo, que estão incluídos em cada um desses sistemas, e que podem afetar transversalmente os sistemas nele incluídos. É a arquitetura – de dimensão societal – de uma (sub)cultura, ou de outro contexto social mais amplo. É possível explicar o macrossistema ao serem considerados os eventos que influenciam o contexto familiar, por exemplo, o caso de uma criança que cresce em uma família nuclear ou extensa e é fortemente influenciada pelo macrossistema da cultura presente nesse contexto (Bronfenbrenner, 2005).

Tempo

O cronossistema, uma dimensão incorporada subsequentemente aos demais elementos dessa teoria (Bronfenbrenner y Evans, 2000), é a estrutura que adiciona dimensões de tempo às estruturas existentes, ao captar as mudanças do meio – o grau de estabilidade ou mudanças na vida dos indivíduos face aos eventos ambientais e as transições que ocorrem ao longo da existência, que produzem condições que afetam o desenvolvimento das pessoas. É o efeito do tempo sobre outros sistemas, cujas dimensões estão vinculadas aos atributos da pessoa, aos processos proximais e aos parâmetros do contexto.

Essa perspectiva enfatiza como os fatores contextuais do macrossistema tais como mudanças no regime político e crises econômicas podem impactar os indivíduos e seus contextos (Kağıtçıbaşı, 2007). Isso inclui divórcio, mudanças na composição familiar, lugar da residência, emprego dos pais, bem como eventos mais amplos, tais como guerras, ciclos econômicos, ondas de migração, etc.

É fundamental realçar que essas mudanças podem ser impostas por condições externas ao indivíduo, ou podem surgir de condições advindas do organismo, já que as pessoas podem selecionar, modificar e criar muitas de suas próprias definições e experiências. A título de ilustração, podem-se citar mudanças familiares em função do aumento de mulheres trabalhadoras nas

indústrias e o declínio da família estendida em países em desenvolvimento, como fatores do cronossistema.

Nessa direção, o desenvolvimento ocorre através da interação entre a pessoa em desenvolvimento e os cinco contextos –micro, meso, exo, macro e cronossistema– interconectados, que se influenciam, promovendo interação e desenvolvimento em uma construção que alberga desde o grupo mais próximo até a realidade mais distante que atinge e impregna a vida social, conforme ilustrado na figura 1. O desenvolvimento humano é, nesse espectro, interativo e contextualizado, e o indivíduo não é um ser passivo. Antes disso, é interativo, copartícipe no próprio processo de desenvolvimento, e é também dependente de outros que com ele interajam.

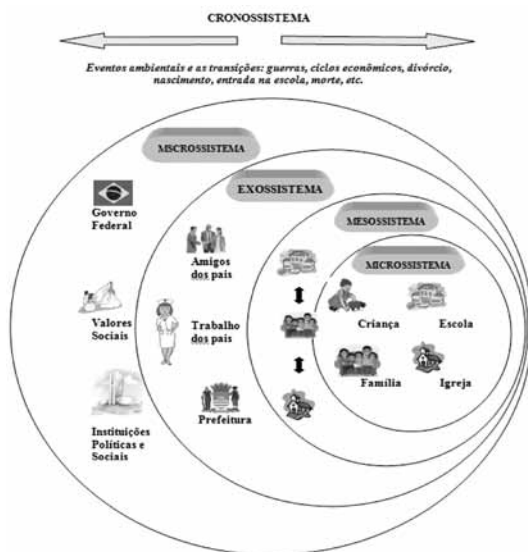


Figura 1. Diagrama esquemático e ilustrativo dos níveis do ambiente a partir da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner
Fonte: elaboração dos autores

A Propósito dos “Outros” Aspectos Importantes da Teoria

No mundo acadêmico, para pesquisar e escrever sobre determinado assunto em Psicologia, além de usar a linguagem científica apropriada, exige-se um requisito mínimo de familiaridade com a filosofia da pesquisa. Particularmente, é necessário que se tenha claro alguns conceitos bastante importantes sobre: a) ontologia, b) epistemologia, c) antropologia e d) metodologia, subjacentes às teorias, sistemas ou práticas psicológicas de interesse daquele que se debruça a investigar sobre determinado tema científico. Apesar de existirem algumas tradições filosóficas que problematizam esses

conceitos, os pesquisadores costumam fazer o exercício de articular sua posição em relação a cada termo individual e coletivamente, uma vez que esses termos relacionam-se e têm influência sobre a escolha dos métodos necessários para determinado estudo. Conforme anunciado no título desse trabalho, além dos fundamentos históricos, outros aspectos importantes nos escritos de Bronfenbrenner são dignos de destaque.

É importante ressaltar, entretanto, que abordar tais aspectos não é um exercício fácil, visto que eles perpassam histórica e filosoficamente o pensamento e as pressuposições teóricas tecidas pelo autor, oferecendo, algumas vezes, a interface de sentido entre alguns deles; uma sobreposição comum, principalmente, quando se trata de analisar ontologia e epistemologia, em que não raro os conceitos se confundem, gerando dificuldades durante a análise.

Nessa tarefa, os aspectos históricos, teóricos, antropológicos, ontológicos, epistemológicos serão apresentados e cada um deles será conceituado e relacionado com particularidades da teoria em análise. É nesse quesito que esse trabalho pretende ser didático, ao oferecer, conceituar e relacionar –na mesma empreitada– os “outros” detalhes da teoria, que quando procurados como referência para a composição de estudos que demandam olhares de investigação e reflexão histórico-filosófico-científicos não são encontrados.

Ontologia

O Dicionário Oxford de Filosofia define ontologia como “[...] o termo derivado da palavra grega que significa ‘ser’, mas usado desde o século XVII para denominar o ramo da metafísica que diz respeito àquilo que existe” (Blackburn y Marcondes, 1997). Então, ontologia é a parte da filosofia envolvida com a natureza do ser, da realidade, da existência, que potencialmente pode ser abordada. É a ciência ou a teoria do ser, que alberga algumas questões abstratas como a existência de determinadas entidades (Schwandt, 1994).

A visão a respeito da realidade em Bronfenbrenner, que defende que o ambiente (organismos, fenômenos físicos, cultura, sociedade, etc.) influencia os indivíduos e é por ele influenciado, dá conta de que o ser bioecológico está em uma relação dialética com o psicológico e o social, e nenhum fenômeno pode ser compreendido isoladamente, sem conexão com os demais fenômenos que o cerca. Existe uma materialidade –realidade exterior que independe do nosso entendimento e que não necessita deste para existir– em movi-

mento no espaço e em um dado momento no tempo, e os fenômenos, que fazem parte desse contexto, podem ser compreendidos quando examinados em sua conexão indissolúvel com os demais fenômenos circundantes (Masson, 2007).

Nesse movimento, a materialidade é inquieta, móvel, sujeita a mudanças, em constante renovação e desenvolvimento. A estabilidade é momentânea – o que parece estável – começa já a definhar e, então, colocar-se do ponto de vista da dialética significa colocar-se no ponto de vista do movimento e da mudança. Essa visão do ser da realidade está presente na teoria bioecológica de Bronfenbrenner e, por essa razão, é fácil pensá-la como uma teoria materialista dialética (Tudge, 2008). Isso pode ser melhor comprovado com base nas relações cotidianas – processos proximais – e nas características individuais, levando em consideração, também, o contexto e o tempo, conforme preconizado no modelo PPCT.

Epistemologia

A palavra grega *episteme*, que significa conhecimento empírico, pode ser traduzida como um conjunto de ideias e pressupostos fundamentais que definem a natureza do conhecimento determinando o que é intelectualmente aceito em um dado momento como conhecimento verdadeiro (Zuñiga, 2010). É o estudo do estudo – a investigação de como se adquire o pleno conhecimento de determinada ciência – e a relação entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido, em uma determinada época.

Nessa perspectiva, a episteme fornecida pela teoria bioecológica de Bronfenbrenner sustenta que o desenvolvimento humano é o resultado de uma construção social e histórica; não é um processo universal, mas cultural e específico, e a realidade é concebida como dependendo, em parte, da cultura, da história, e dos sistemas ecológicos encapsulados em determinado contexto, sendo, dessa maneira, entendida como múltiplas realidades, já que o contexto alberga mais de uma realidade vivenciada (Tudge, 2008). Assim, o indivíduo constrói-se a partir das relações recíprocas com o meio, que é sempre revestido de significados inerentes à cultura e aos “ingredientes” sociais e econômicos ali presentes.

É, portanto, uma teoria relacional, que permite entender as relações entre os indivíduos e o seu contexto social, salientado que não existe uma causa única e singular para explicar o desenvolvimento individual. Não são apenas os recursos internos (biológicos e psicológi-

cos), nem as variáveis externas (ambientais), nem tampouco as variáveis interpessoais (processos proximais) que são capazes, por si só, de explicar como ocorrem as mudanças desenvolvimentais (Fonseca, 2007). Nesse sentido, pelo que está cunhado – apresentado e divulgado no meio científico –, pode-se inferir que essa teoria está pautada em uma visão de conhecimento construtivista-interacionista.

Antropologia

Etimologicamente, a palavra *antropologia* é a junção de duas palavras gregas: *anthropos* (homem, ser humano) e *logos* (conhecimento) que, somadas, oferecem o sentido de “estudo do homem” ou “ciência do homem” (Marconi y Presotto, 2006) e tem se dedicado a investigar o ser homem, preocupada em saber quem é ele e como concebê-lo. Então, o objeto do estudo da Antropologia é a pessoa enquanto ser biológico, pensante e integrante de grupos sociais, bem como as diversas manifestações e expressões por ela realizadas, produtora que é de culturas, com capacidade para organizar-se em sociedades estruturadas (Marconi y Presotto, 2006).

Porém, a preocupação com o estudo do ser humano está presente em várias áreas do conhecimento que não só a Antropologia. É, por exemplo, o caso da Psicologia. Enquanto a primeira busca conhecer o homem como componente de grupos socialmente organizados, a segunda tem o foco na subjetividade do ser, muito embora essas áreas do conhecimento estabeleçam interface, quando destacam o ser homem como objeto de estudo fundamental para as ciências humanas (Toren, 2012).

Assim, na qualidade de foco de estudo da Psicologia, antropologicamente falando, Bronfenbrenner olha para o homem como um ser inter-relacional – que estabelece relações proximais e dialoga com as pessoas, objetos e símbolos do ambiente. E, nesse sentido, o desenvolvimento humano emerge das relações constituídas entre o indivíduo e o(s) contexto(s) em que ele está inserido (Tudge, 2008).

Metodologia

Metodologia é uma palavra que tem sua origem em três vocábulos gregos: *metà* (para além de), *odòs* (caminho) e *logos* (estudo) e refere-se à teoria acerca do método ou de um conjunto de métodos (Gamboa, 2011). Contudo, diferente do método – que é o caminho ou o procedi-

mento que serve de instrumento para alcançar o objetivo da investigação–, a metodologia é um recurso que deriva de uma posição teórica e epistemológica para a seleção das técnicas específicas de uma investigação.

Nesse sentido, estudos recentes têm apresentado a Inserção Ecológica como recurso para a pesquisa, visto que os indivíduos não podem ser separados de seus contextos, no momento em que estão sob investigação, e o conhecimento advindo do processo investigativo é obtido através da parceria entre pesquisador e participantes da pesquisa, em um processo co-constutivo (Tudge, 2008). Entretanto, esse procedimento metodológico não foi idealizado por Bronfenbrenner e seus colaboradores, já que não se acha em sua obra a proposição de um método sistematizado de pesquisa (Prati, Couto, Moura, Poletto y Koller, 2008).

Assim, partindo do princípio que, no enlace entre o investigador/sujeito e o objeto do conhecimento, a tarefa do pesquisador é rastrear e adotar estratégias cientificamente válidas para incrementar o conhecimento já existente, os discípulos de Bronfenbrenner e simpatizantes de seu pensamento científico têm se debruçado para delinear métodos de estudo compatíveis com a teoria-base que norteia o pensamento bioecológico de desenvolvimento humano proposto por esse autor. É importante mencionar o grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que vem se apoiando nas proposições teóricas desse cientista para construir o delineamento denominado Inserção Ecológica –proposto por Cecconello e Koeller– como recurso de sistematização ao modelo PPECT (Prati, Couto, Moura, Poletto y Koller, 2008).

Tendo em vista o entrelaçamento entre teoria e métodos, e a influência que o problema de pesquisa impõe à investigação, esse delineamento tem auxiliado alguns pesquisadores que utilizam esse referencial teórico, com base na inserção ecológica, que tem o ambiente como elemento essencial para as inter-relações, uma vez que nele acontecem os processos proximais –as interações face a face entre as pessoas, os objetos e os símbolos, caracterizando-se por ser um método de pesquisa do “desenvolvimento-no-contexto” (Prati, Couto, Moura, Poletto y Koller, 2008). Assim, em harmonia com o que preconiza a teoria, pesquisadores e participantes da pesquisa –ambos inseridos no contexto de desenvolvimento desses participantes– são vistos em termos de interação de processos proximais, já que todos os envolvidos, o que inclui os pesquisadores, também são pessoas em desenvolvimento, e têm seus próprios contextos e experiências.

É importante salientar que esse método advoga favorável a que haja uma equipe de pesquisadores –um grupo de trabalho que esteja devidamente treinado para capturar e acessar, também, os dados não verbais através da observação, e que esteja apto a discutir em conjunto a diversidade de interpretação e análise de dados decorrente da coleta em campo. Essa discussão e reflexão entre o grupo de estudiosos é importante para a compreensão do contexto de pesquisa e atua como facilitadora da validade ecológica do estudo (Prati, Couto, Moura, Poletto y Koller, 2008).

E, no afã de unir compatibilidade e fidelidade teórica ao rigor científico dos trabalhos ancorados nessa teoria, além da inserção ecológica, que prevê o estudo dos fenômenos e dos indivíduos em seus próprios contextos, as entrevistas abertas têm sido utilizadas como instrumento para a coleta de dados, por permitir que o informante expresse seu ponto de vista e suas experiências integralmente, captando, assim, maior número de informações e detalhamento do assunto em questão (Turner, 2010). Vale salientar que nem todos os pesquisadores que se apoiam na teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner usam a Inserção Ecológica como método de pesquisa. Essa é uma proposta nova entre os admiradores e seguidores do autor, que ainda buscam mais compreensão, aprimoramento e precisão nos critérios necessários para a sistematização da mesma.

Considerações Finais

Não basta sentir a chegada dos dias lindos.
É necessário proclamar: os dias ficaram lindos.
Carlos Drummond de Andrade

Mesmo após sua morte em 2005, a voz de Urie Bronfenbrenner continua a ressoar para além das fronteiras do país onde foi elaborada sua teoria. Sua produção científica é, sem dúvida, um divisor de águas na esfera dos estudos em desenvolvimento humano. Mais que isso: antes dele, os psicólogos estudavam a criança, os sociólogos a família, os antropólogos a sociedade, os economistas o cenário econômico da época e os cientistas políticos debruçavam-se sobre a estrutura e a conjuntura de uma determinada sociedade (Ceci, 2006). Com seu conceito inovador referente à bioecologia do desenvolvimento humano, todas essas instâncias – do indivíduo às estruturas políticas – são vistas como parte conjunta do curso de vida do indivíduo, envolvendo tanto a criança quando o adulto.

Ele “sentiu” e “proclamou”, no sentido dado por Carlos Drummond de Andrade, uma teoria ontologicamente dialética, antropologicamente inter-relacional, epistemologicamente construtivista-interacionista. Além disso, fez discípulos apaixonados pelo que ele “sentiu” e “proclamou”, dispostos a ancorar-se em suas pressuposições para dar continuidade a seu legado, evidenciado a necessidade de continuar na incessante busca pela construção de um trabalho que possa contribuir com métodos fiéis, compatíveis e rigorosamente científicos, capazes de, uma vez aplicados, trazer probidade digna de reaplicabilidade e reconhecimento acadêmico.

As relações diádicas com seu pai, com os internos e externos do sanatório visitado por ele durante sua infância, além da relação com pessoas de outros contextos (representativamente multiculturais), assim como o impacto dos macro e microeventos históricos –Revolução Russa, imigração para outro continente, experiência em diferentes universidades e o contato com vários pesquisadores do mundo acadêmico em psicologia– tanto da sua geração quanto de gerações posteriores, marcaram sua trajetória de vida e fizeram desse homem o cientista que hoje conhecemos. Seus estudos foram pautados pela responsabilidade para com o indivíduo e a comunidade, em seus contextos diversos, e jamais entraram em conflito com a fidelidade e o dever dedicado à ciência. Ao contrário, seus pressupostos teóricos buscaram reafirmar o envolvimento do conhecimento em prol da visão integrada da pessoa com seu contexto, e ele advogou que esse procedimento deveria fazer parte do repertório de todo o cientista em prol de políticas públicas mais adequadas, promotoras de desenvolvimento humano.

Bronfenbrenner foi, indubitavelmente, um advogado incansável em favor de contextos apoiadores para indivíduos e famílias e ensinou uma geração inteira de pesquisadores em ciências sociais a cultivar uma visão mais ampla e inclusiva, tendo em vista as diferentes forças atuantes sobre os indivíduos. Talvez, seu legado mais marcante e duradouro seja sua insistência de que as pessoas não devem apenas lutar por um conhecimento mais preciso do desenvolvimento humano, mas também agir sobre esse conhecimento para melhorar a vida das pessoas.

O estudo do desenvolvimento humano em seu contexto real tem implicações vitais para futuras pesquisas em ciência do desenvolvimento e em psicologia. Chegou-se ao ponto em que é possível e necessário analisar os requisitos apontados pela teoria bioecológica para projetos de pesquisa com base em um mo-

delo teórico que permita o surgimento de protocolos interventivos, instrumentos de medida, planejamentos estratégicos e modelos de trabalho que envolvem uma série de formulações, cada vez mais diferenciadas, e análises de dados correspondentes, cujos resultados preparem, sucessivamente, o palco para a próxima rodada, tendo em vista os parâmetros sociais e culturais da realidade presente.

As contribuições de Urie Bronfenbrenner e seu modelo PPCT para a compreensão do desenvolvimento humano, e conseqüentemente para as pesquisas em psicologia, estão pautados no fato de que seus pressupostos conseguiram reformular o estudo do desenvolvimento, a partir de um foco exclusivo sobre o indivíduo descontextualizado. Com eles, as pessoas em desenvolvimento são vistas em uma interação dinâmica –foco nos processos proximais– com os múltiplos contextos nos quais estão inseridas, que podem afetar diretamente seu bem-estar biopsicossocial. A maior contribuição de Urie é esta: ele iluminou e transformou a forma como pesquisadores, gestores de políticas públicas, estudantes, pais, professores, etc. estudam, conceituam, escrevem sobre, e procuram melhorar o desenvolvimento humano.

Referências

- Bargal, D., Gold, M. y Lewin, M. (1992). Introduction: The Heritage of Kurt Lewin. *Journal of Social Issues*, 48(2), 3-13.
- Blackburn, S. & Marcondes, D. (1997). Consultoria da edição brasileira. Em Marcondes, D., *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1993). The ecology of cognitive development: Research models and fugitive findings. Em Wozniak, R. & Fischer, K. (Eds.), *Development in context: Acting and thinking in specific environments* (pp. 3-44). Hillsdale-NJ: Erlbaum.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: A future perspective. Em Moen, P., Elder Jr, G. H. & Lüscher, K. (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647). Washington DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. California: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture re-conceptualized in developmental perspective: A biological model. *Psychological Review*, 101, 568-586.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. Em Damon, W. & Lerner, R. M. (Eds.), *Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development* (993-1028). New York: John Wiley.
- Ceci, S. J. (2006). Urie Bronfenbrenner (1917-2005). *American Psychology*, 61(2), 173-174.
- Corraliza, J. A., Blanco, A. & Loeches, A. (1987). Entrevista a Urie Bronfenbrenner. *Estudios de Psicología*, 27(28), 3-22.
- Fonseca, A. M. (2007). Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 20(2), 277-289.
- Gamboa, S. S. (2011). Os projetos de pesquisa: alguns fundamentos lógicos necessários. Em Miranda, E. & Bryan, N. P. (Eds.), *(Re)pensar la educación pública: aportes desde Argentina y Brasil* (121-150). Córdoba: Ed. Universidad Nacional de Córdoba.
- Johnson, E. S. (2008). Ecological Systems and Complexity Theory: Toward an Alternative Model of Accountability in Education, *Complexity*, 5(1), 1-10.
- Kağıtçıbaşı, Ç. (2007). *Family, self, and human development across cultures: Theories and applications*. Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Marconi, M. A. & Presotto, Z. M. N. (2006). *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas.
- Masson, G. (2007). Materialismo histórico e dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. *Praxis Educativa*, 2(2), 105-114.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. y Feldman, R. D. (1975). *A child's world – infancy through adolescence*. New York: McGraw-Hill.
- Polonia, A.C, Dessen, M.A. y Silva, N.L.P. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. Em Dessen, M.A. y Junior, A.C. *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (71-89). Porto Alegre: Artmed.
- Prati, E. P., Couto, M. C. P. P., Moura, A. Polleto, M. y Koller, S. H. (2008). Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. *Psicologia, reflexão e crítica*, 21(1), 160-169.
- Schwandt, Thomas A. (1994). Construtivist, interpretivist approaches to human inquiry. Em: Denzin, N. K. y Lincoln, Y. S. (Eds.), *Handbook of qualitative research*. EUA: Sage.
- Toren, C. (2012). Antropologia e psicologia. *Rev. bras. Ci. Soc.*, 20(80), 21-36.
- Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? Em Moreira, L. V. C. y Carvalho, A. M. A. (Eds.), *Família e educação: Olhares da psicologia* (pp. 209-231). São Paulo: Paulinas.
- Turner, D. W. (2010). Qualitative Interview Design: A Practical Guide for Novice Investigators. *The Qualitative Report*, 15(3), 754-760.
- Vygotsky, L. S. (1978) *Mind in Society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Zuñiga, L. C. M. (2010). Apuntes sobre epistemología e investigación en la enseñanza de los Estudios Sociales. *Revista Educación*, 34(2), 61-74.
- Wormer, K. V. (2007). *Human behavior and the social environment: Micro Level*. New York: Oxford University Press.